

mundo contemporâneo, no que se refere ao reto entendimento do espaço público, da religião em relação ao mesmo, do multiculturalismo, etc.

O segundo capítulo explora uma lógica de responsabilidade e irresponsabilidade correspondente às reflexões anteriores sobre o mal radical e sobre a tensão entre teologia filosófica e teologia bíblica, bem como entre «religião moral» e religião revelada. Como ponto de partida o autor assume a resposta de Kierkegaard ao paradigma kantiano, tendo como referencial a leitura que Derrida faz de *Temor e tremor*.

O terceiro capítulo centra-se no exame da noção de palavra mística, de Michel de Certeau, bem como na sua ideia de uma inevitável cólera divina. De Vries considera que este autor confirma a correspondência oculta entre, por um lado, os escritos de Derrida sobre a instituição, a universidade, os *media*, etc., e, por outro, a questão da violência nas suas múltiplas formas.

No último capítulo, o autor, tendo ainda em conta reflexões de Derrida, com referência a Kant e a Lévinas, acaba considerando a religião como «o exemplo privilegiado de abertura [...], uma abertura ao melhor e ao pior» (p. 63). Explora a antinomia hospitalidade / hostilidade. Admite que «a possibilidade do pior é [...] a condição do melhor» (p. 64).

Estamos em face de um texto denso de pensamento, muito minucioso ou analítico no labor interpretativo dos autores que alimentam a reflexão do autor do livro, um livro em que procura ir o mais possível até ao fundo do problema e em que aporta efetivamente novas luzes sobre essa relação difícil e paradoxal entre religião e violência. Com uma vasta bibliografia e um índice de autores, nas páginas finais.

JORGE COUTINHO

GILBERT, Jacques Athanase, **Les variations de l'imitation. Une poétique de l'apparaître**, coll. « La nuit surveillée », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 424 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09730-7.

O autor deste estudo é docente e investigador na Universidade de Nantes, com formação simultaneamente literária e filosófica. Trabalha especialmente as relações entre poética e representação. O que aqui constitui o seu objeto de investigação são, exatamente como sugere o título, as variações da imitação, desde a *mimésis* grega (platónica e aristotélica) à imitação de Jesus Cristo, esta mesma com as suas variações temporais. Se aquela era essencialmente representação, com a sua objetividade e a sua evidência, esta apresenta-se diferente, com a sua incidência na subjetividade e na vida dos discípulos de Cristo: os primeiros mártires imitam-no na sua morte; Francisco de Assis imita-o na pobreza e nos estigmas; a *Imitatio Christi* de Tomás de Kempis, e com ela toda a *devotio moderna*, cultivam-na como compunção interior ou aflição partilhada. Sucedem-se assim o martírio, os estigmas e a compunção como três grandes etapas no processo de interiorização da «imitatio Christi» e seu distanciamento da *mimésis* aristotélica.

Entre a *mimésis* grega e a imitação cristã dá-se pois uma diferenciação profunda, a qual permite estabelecer, a propósito, uma «poética do aparecer». Uma poética que põe em confronto o caráter visível da primeira, face ao caráter invisível da segunda. Esta, sendo essencialmente imitação da morte de Cristo, permanece em si mesma enigmática, furtando-se a toda a tentativa de a reduzir a pensamentos claros e distintos. O autor do ensaio sublinha, por outro lado, no acontecer da imitação

cristã, a problemática topológica. Se a *mimésis* grega pressupunha um lugar e uma perspectiva, a imitação cristã sugere, antes, uma certa «nehures» que é, por sua vez, uma certa prefiguração daquilo que separa a condição física e temporal da condição de ressurreição e de glória eterna.

Num discurso vincadamente especulativo, J. A. Gilbert trata, num primeiro grande capítulo, das versões da *mimésis*, com variados sub-temas como *mimésis* e visão em Aristóteles, poética do manifesto, física e poética, a metáfora, o modelo, a inversão da *phantasia* e da *mimésis*, etc. O segundo capítulo é dedicado à *Imitatio Christi*: um modelo inédito, os antecedentes dos mártires, a inversão cristã, o referente da imitação, a relação com o espetáculo, etc. No terceiro capítulo especula sobre a topologia da facialidade, com particular referência a S. Francisco de Assis e a S. Francisco de Sales. Apresenta uma abundante bibliografia final (pp. 409-421).

JORGE COUTINHO

THEUNISSEN, Michael, **Théologie négative du temps**, coll. « Passages », Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2013, 350 p., 235 x 140, ISBN 978-2-204-09466-5.

O título não tem a ver com a clássica «teologia negativa» em si mesma. «Negativa», no caso presente, quer dizer que se trata aqui, antes, do que o autor considera que não deve ser pensado sobre o tempo, diferente daquilo que sobre ele poderá dizer-se em modo positivo. Ou, talvez com mais precisão, o que o autor ainda não conseguiu descortinar sobre o mistério do tempo, após e não obstante uma série de tentativas ou ensaios. São ensaios que incidem sobre vários aspectos do tempo, seguindo a tra-

dição filosófica desde Parménides, e Platão, rebuscando Santo Agostinho e Kierkegaard, Simmel, Husserl e Sartre. Em relevo está a ideia negativa do tempo (a influir também, ou porventura sobretudo, no título) como factor de dominação.

Na verdade, o volume em presença reúne vários ensaios, ligados à investigação e à leccionação do autor, um dos nomes mais relevantes no pensamento filosófico alemão da actualidade. Após considerações prévias sobre a possibilidade da actividade filosófica neste nosso tempo, a sua reflexão incide particularmente sobre as condições de felicidade na condição de se estar sujeito ao tempo, sob a sua dominação.

Esta dominação torna-se causa de sofrimento patológico. O autor recorre ao diálogo com eminentes representantes da psicopatologia fenomenológica ou saídos da filosofia da vida ((Minkowski, Gebattel, Erwin Strauss, Binswanger, Tellenbach) para analisar os males patentes em doentes mentais, sobretudo a depressão, males resultantes desta percepção do tempo dominador. Nas condições da modernidade antimetafísica, tenta, apesar de tudo, uma aproximação da verdade e uma via metafísica que, no caso, seria (também) uma via «metacrónica», que permitam a ultrapassagem destes males. Particular interesse lhe merecem a melancolia e a luta de resistência ao tempo, fenómenos que se podem conotar com a ideia de tempo como factor de perdição existencial e que remetem, conseqüentemente, para uma ideia de salvação. O tempo dominador (o *chronos* dos gregos), deverá ser superado pelo tempo de vida, que nos liberta (*aiôn*); a busca da uma eternidade dentro do tempo deve abrir-se a um tempo de eternidade, já outro que o verdadeiramente tempo, com o seu presente, passado e futuro.

JORGE COUTINHO